

JOGOS E BRINCADEIRAS NA PRÁTICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO

Gilvânia Rocha Rodrigues – Pedagoga UECE
Ana Larisse do Nascimento Maranhão – Pedagoga UECE
Andréa da Costa Silva – Mestranda em Educação PPGE/UECE
Tânia Maria de Sousa França – Doutoranda em Educação PPGE/UECE

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar a contribuição dos Jogos e Brincadeiras para o desenvolvimento infantil. A escolha do tema surgiu da curiosidade e necessidade de entender e observar como ocorrem os jogos e brincadeiras na sala de aula da Educação Infantil, a partir dos conceitos estudados nas disciplinas do Curso de Pedagogia da UECE e de experiências vividas nos estágios curriculares e não curriculares. A pesquisa tem caráter qualitativo, sendo desenvolvido, inicialmente um estudo bibliográfico e depois a pesquisa de campo. Os instrumentos de coleta foram entrevista semiestruturada e observação da prática docente na Educação Infantil, com aporte teórico de Faria (1998), Ferreira (2002), Gioca (2001), Kishimoto (2003), Oliveira (1997), COSTA (2000), Vygotsky (1996). Como resultado pudemos perceber que ainda há muito que se pesquisar sobre jogos e brincadeiras e que os professores da educação infantil ainda precisam buscar conhecimento sobre as diversas formas de desenvolvimento da criança.

Palavras-chaves: Jogos e brincadeiras. Educação Infantil. Desenvolvimento.

Introdução

Jogos e brincadeiras são todas as formas de divertimento e passatempo que estimulam o desenvolvimento, ajudando a melhorar diversas habilidades, como a criatividade, sociabilidade, a afetividade, a coordenação motora, dentre outras. Muitas vezes relacionamos jogos e brincadeiras às atividades que o aluno deve fazer em casa, no recreio e/ou nas aulas de Educação Física, porém, muitos professores e estudiosos da área defendem o uso de jogos e brincadeiras em sala de aula para melhorar o desenvolvimento infantil.

Desta forma é de grande importância que os educadores tenham uma boa formação na área de jogos e brincadeiras, para assim desenvolverem um trabalho mais assertivo na Educação Infantil, pois o conhecimento nessa área irá ajudar a trabalhar com crianças de forma a estimular as suas habilidades em sala de aula.

Diante dessas ideias e dos conceitos estudados nas disciplinas do Curso de Pedagogia da UECE e de experiências vividas nos estágios curriculares e não curriculares surgiu a curiosidade e a necessidade de entender e observar como se dá esse processo na sala de aula da Educação Infantil.

Assim, o presente trabalho é resultado de uma pesquisa sobre a contribuição dos jogos e brincadeiras para o desenvolvimento infantil e apresenta relevância no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE) já que o referido curso é destinado a formação de docentes para atuarem na educação básica, em particular nos anos iniciais desta etapa, ou seja, na Educação Infantil – caracterizada pela creche e pré-escola – e no Ensino Fundamental I – período que compreende do 1º ao 5º ano.

2 Metodologia

A proposta orienta-se nos moldes da pesquisa qualitativa, com aporte em estudos bibliográficos. Fundamenta-se nas iniciativas desenvolvidos por Faria (1998), Ferreira (2002), Gioca (2001), Kishimoto (2003), Oliveira (1997), Costa (2000) e Vygotsky (1996).

A pesquisa de campo foi desenvolvida na cidade de Fortaleza/Ceará, numa instituição de ensino público e uma instituição privada, a fim de compreender como ocorre a formação dos profissionais e seus conhecimentos sobre jogos e brincadeiras no ambiente escolar. Como instrumento de coleta de dados utilizamos a entrevista semiestruturada com educadores e a observação da rotina estabelecida nas Creches com alunos do infantil III. A escolha da idade dos três anos se dá porque nesta idade

A atividade motora está em primeiro plano. A criança tem desembaraço e espontaneidade: imita facilmente os movimentos que observa nos outros. Melhora a coordenação de movimentos, principalmente na direção vertical e horizontal. O equilíbrio se desenvolve. A exploração sensório-motora é intensa. Aos três anos pode andar de velocípede, jogar bola, correr, virar, saltar para cima e para baixo. (FERREIRA, 2002, p.15).

3 Jogos e brincadeiras na Educação Infantil

Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB, nº 9394/96, a Educação Infantil passa a ser, legalmente, concebida e reconhecida como etapa inicial da educação básica e espaço para o desenvolvimento integral da criança como fica explícito no artigo 29 da referida lei.

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (LDB 9394/96, art. 29).

Desse modo, partimos do pressuposto que por meio da articulação entre jogos e brincadeiras ao ensino na Educação Infantil é possível contribuir positivamente com a

formação da identidade da criança, bem como, com uma formação integral. Cremos que não basta apenas trabalhar o lado afetivo ou motor da criança, mas é preciso também que o docente as desenvolva no âmbito da cognição, interação social, porque as crianças precisam brincar para serem capazes de criar, reinventar, fantasiar. De acordo com Ferreira (1988, p. 105), o jogo é uma “atividade física ou mental, com regras, estimulando a mente das crianças”.

Espera-se que relacionando os jogos e brincadeiras com conteúdos didáticos seria possível desenvolver melhor algumas características infantis, ajudando a aperfeiçoar o processo educativo e o desenvolvimento. Oliveira (1997) afirma que o comportamento das crianças pequenas é fortemente determinado pelas características das situações concretas em que elas se encontram. Diante destes estudos torna-se cada vez mais forte o uso de jogos educativos que de acordo com Kishimoto (2003) surgem desde a época de Platão quando eles tentam encontrar outras formas de ensinar diversos conteúdos, então percebem que relacionando com algo lúdico torna-se mais fácil o aprendizado.

Neste sentido, defendemos que ao utilizar-se de atividades que envolvam o caráter lúdico, por meio dos jogos e brincadeiras, por exemplo, o educador contribui, sobretudo, para a formação da criança como cidadã do mundo (SILVA, 2011).

Conforme Gioca (2001), a escola, aqui representada pela figura do professor, precisa perceber a criança como um ser em constante evolução, para que dessa forma possa ajudá-la. Desse modo, a escola deve estimular seus alunos para que eles possam desenvolver-se melhor. Ela precisa ser um lugar de alegria e prazer, e seus professores, por sua vez, devem estar atentos às necessidades de cada aluno para que haja o melhoramento do desenvolvimento de cada criança, pois,

[...] vivemos o paradoxo de possuir um conhecimento teórico complexo sobre a infância e de ter muita dificuldade de lidar com populações infantis e juvenis. Refletir sobre esses paradoxos e sobre a infância, hoje, é condição para se planejar o trabalho na creche e na escola e para implementar o currículo. (KRAMER, 2006. p. 16).

Nesta perspectiva asseveramos que o papel do professor na educação infantil é muito importante, para tanto, além de gostar de crianças, ele precisa ser sensível para perceber as necessidades delas e poder assim trabalhar os jogos e brincadeiras de modo a favorecer as habilidades infantis e contribuir com esta formação. Ele deve perceber a realidade da criança e

propor atividades que estejam dentro de seu contexto e que prendam sua atenção. Por exemplo, se o professor for trabalhar jogos e brincadeiras em sala de aula, pode usar sucata para confeccionar os brinquedos. Isto faz com que as crianças se interessem mais pela brincadeira, pois “a brincadeira é também expressão de desejos, conflitos, ansiedades e outras motivações que adquiram uma forma objetiva, permitindo com isso uma manipulação do mundo interno. Ao brincar, a criança toma consciência de elementos implícitos nas situações reais.” (COSTA, 2000, p. 57).

4. O que revela a pesquisa

A primeira instituição visitada foi uma creche municipal que conta com uma estrutura de quatro salas, para uma demanda atual de 80 crianças. Além das salas de aula a creche possui refeitório, sala de coordenação, banheiros, horta, caixa de areia, brinquedoteca e espaço entre as salas com brinquedos maiores como escorregador.

Observamos que a creche vista de fora dá ares de ser muito agradável, hospitaleira e bastante colorida. Por dentro a visão não foi diferente, além da infinidade de cores, ela é muito organizada e possui espaços bem divididos, embora apresente um modelo estrutural que torna o trabalho docente um pouco difícil, pois se uma professora trabalha com música e a outra, ao lado, com leitura fica inviável a realização deste último com tranquilidade, posto que o som se propaga por todo o ambiente.

A sala observada foi o infantil III e possui uma turma de 18 alunos entre três e quatro anos para duas professoras, uma concursada e efetiva e outra que é auxiliar de educação. A sala é bem colorida com o tema do fundo do mar, com desenhos de E.V.A. colados na parede. As crianças são muito autônomas e fazem quase tudo sozinhas. Todo mês a escola trabalha um projeto.

A professora entrevistada tem 28 anos, é graduada em pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e é especialista em gestão e coordenação escolar, leciona no infantil III desde 2005.

A segunda instituição visitada é uma escola particular de pequeno porte. É na verdade uma casa que foi adaptada. A escola funcionou 11 anos em uma casa menor e só está há um ano nesse novo endereço. Ela possui seis salas de aula que funcionam pela manhã com um infantil III, um infantil IV, um infantil V e um primeiro ano, e a tarde com um primeiro

ano, dois segundo ano, um terceiro, quarto e quinto ano. Possui ainda piscina, espaço para brincadeiras, cozinha, dois banheiros e um espaço para a direção.

A escola não é tão colorida e não possui espaços com brinquedos como escorregador ou balançador. Por estar funcionando no novo endereço há apenas um ano, eles ainda estão em processo de adaptação. As salas de aulas não possuem o modelo citado na escola pública, facilitando o trabalho do profissional.

A sala observada foi o infantil III que possui uma turma de dezesseis crianças para duas professoras, uma regente formada no pedagógico normal, que está há um ano na escola, e uma auxiliar. A sala é ampla, mas não tão colorida. A professora entrevistada tem 43 anos e 20 de profissão. Ela leciona no infantil III pela manhã e no terceiro ano à tarde.

4.1 Sobre a rotina das escolas

A rotina é uma etapa importante na educação das crianças pequenas. A partir da disciplina de Estágio da Educação Infantil pudemos compreender que o desenvolvimento da criança precisa acontecer de maneira integral e criar uma rotina conjuntamente faz parte dos processos pedagógicos. Nas duas rotinas há o espaço para jogos e brincadeiras bem definidos. Na escola pública está organizada de acordo com as habilidades que devem ser desenvolvidas, porém na prática a escola não segue a rotina de fato.

Eles têm o horário certo para ir para caixa de areia, para contação de história, para jardinagem, mas os jogos e as brincadeiras não estão de acordo com a rotina. Os jogos mais usados pelas crianças foram os jogos de encaixe e brinquedos como bonecas e carros. Na observação não ocorreu à utilização de outros jogos. Já na escola particular a rotina foi mais diversificada, teve o momento do jogo, em seguida momento da atividade de colagem e leitura. Sempre seguindo de acordo com o planejamento.

Na visão de teóricos como Costa (2000), podemos perceber que “ser professor de crianças pequenas requer o conhecimento da diferença essencial que separa os modos de sentir, agir e pensar da criança e do adulto” (p.9), o professor precisa estar atento às necessidades das crianças e propor atividades que trabalhem aspectos como a interação, a afetividade, coordenação, dentre outros que estão de acordo com cada idade da criança.

4.2 Quanto ao planejamento

A professora da escola pública elabora o planejamento de acordo com a Resolução Nº 05, de 17 de dezembro de 2009, proposta pelo MEC essa resolução tem como principal objetivo com a criança a interação e a brincadeira, dentre outros doze objetivos específicos que versam em estimular a exploração do mundo, dos sentidos, imaginação, as relações sociais, as artes, aprendizagens mediadas, dentre outras.

Já a professora da escola particular tem o seu planejamento baseado no manual do professor que vem junto com os livros didáticos das crianças que possuem atividades como pintar, colar, cobrir, desenhar, dentre outras. E afirma que faz algumas alterações de acordo com a sua experiência. Os livros usados em sala são de linguagem, matemática e natureza e sociedade. Toda semana a professora trabalha uma história do livro e vai usando ela no decorrer da semana com imitações, desenhos, colagem.

A proposta da escola pública parece-nos mais interessante para o desenvolvimento dos alunos, posto que segundo os estudos que fundamentam este estudo o trabalho pedagógico que recai sobre a criança deve ocorrer de maneira integral. O que parece ser uma rotina bastante diversificada para que o aluno não fique entediado já que as crianças não passam muito tempo em uma mesma atividade, porém o que pude perceber era que foram usadas poucas atividades diariamente e eram bastante demoradas.

Na escola particular, apesar do planejamento ser com base no manual do professor, a professora contou que precisa mudar as atividades constantemente, para que seus alunos não fiquem desmotivados.

4.3 Sobre a formação para trabalhar com jogos e brincadeiras

Quando a educadora da escola pública foi questionada se o curso de Pedagogia prepara os professores para trabalhar com jogos e brincadeiras ela respondeu que não. A professora disse que só fez quatro disciplinas voltadas para o tema Educação Infantil, na UFC, e eram optativas. Disse, ainda, que após sua formação nunca procurou nenhuma formação complementar nesta área, pois acredita não ser necessário procurar devido à experiência que vai adquirindo em sala de aula. Ela diz que prefere buscar conhecimento nas revistas e internet e que o governo não oferece formação continuada nessa área.

Sobre a sua formação a educadora da escola particular afirma que fez o pedagógico normal e apesar de não ter feito faculdade, ela teve o estágio supervisionado e que

a formação dela era mais voltada para a prática. Durante o curso o governo dava meio salário para quem fosse trabalhar na escola pública e ela tinha uma disciplina chamada recreação que trabalhava os jogos e brincadeiras. Ela considera muito importante a formação nessa área. Durante a sua vida profissional trabalhou doze anos em uma creche comunitária que tinha uma semana no mês para trabalhar jogos e brincadeiras. Hoje toda sexta-feira é responsável por trabalhar os jogos e brincadeiras com todas as turmas. Afirma ter muita experiência e procurar informações em livros e internet.

Hoje essa realidade vivida pela professora da escola pública sobre a sua formação não é muito diferente. No curso de Pedagogia temos disciplinas de caráter obrigatório voltadas somente para educação infantil. Em um texto ou outro, vemos o uso dos jogos e brincadeiras, sua importância e os estudiosos dessa área. Pouquíssimas professoras trabalham o uso e as contribuições do lúdico na educação infantil e poucos alunos possuem interesse em procurar outras fontes. Alguns só vão se preocupar quando estão dentro da sala de aula e precisam fazer uso dessas ferramentas. Na verdade só aprendemos na prática e não nos especializamos neste assunto por achar de pouca importância. Por isso as professoras citadas acima nunca procuraram nenhuma formação nessa área, apesar da professora da escola particular achar relevante.

Somente nos aprofundamos nesses estudos quando nos damos conta dos benefícios trazidos pelos jogos e brincadeiras, e percebemos que ainda temos que estudar para poder proporcionar as nossas crianças um desenvolvimento completo.

4.4 Conceito de jogos e brincadeiras

Questionamos a professora da escola pública sobre qual o conceito que ela tem sobre jogos e brincadeiras, ela disse: *“É um momento de muito aprendizado, pois trabalho várias áreas do conhecimento, a coletividade, oralidade, alguns comandos como pular, parar, correr”* (Professora Escola Pública).

A professora da escola particular afirma que os jogos e brincadeiras *“São muito importantes para o desenvolvimento já que eles estimulam o raciocínio lógico e o desenvolvimento físico e motor das crianças”* (Professora Escola Particular). Para ela, *“as crianças demonstram mais interesse em participar já que pensam que é apenas uma brincadeira”* (Professora Escola Particular).

Nenhuma das professoras disse que além de proporcionar o desenvolvimento dessas várias áreas, o uso dos jogos e brincadeiras proporciona principalmente um momento lúdico, em que estudiosos como Vygotsky (1996) dizem ser um momento de grande interação social, de construção da personalidade da criança. Ela vê no brinquedo uma forma de divertimento e tem prazer de brincar. E ela só participa da brincadeira quando vê nela uma ação lúdica.

4.5 Contribuição dos jogos e brincadeiras para o desenvolvimento infantil

A educadora da escola pública acredita que os jogos e brincadeiras contribuem para o desenvolvimento, estimula a área cognitiva, a criatividade e considera ser importante o uso deles desde bebês. Ela já trabalhou com turma de dois anos e disse que eles respondem bem aos estímulos.

A educadora entrevistada na escola particular considera importante o uso de jogos e brincadeiras a partir de um ano, que é quando a criança já anda e começa a querer se comunicar, podendo brincar, pois os jogos e brincadeiras farão com que se desenvolva mais rápido.

Foi muito interessante observar como professora e aluno interagem e que o desenvolvimento não acontece igual para todos. Os estudiosos sempre defendem a importância da estimulação e pudemos percebê-la durante a atividade de pesquisa.

A professora da escola particular estimula bastante seus alunos a tentar fazer sempre com que eles se superem. Ela sabe que eles têm condição de fazer e os estimula. Já na escola pública não foi possível presenciar essa relação entre professor e aluno. Em horários que a professora deveria mediar a atividade, ela se ocupava de outras tarefas, como relatórios, pois dizia não ter outro tempo para fazê-los.

A professora da escola pública percebeu muitas diferenças ao usar os jogos e brincadeiras no desenvolvimento dos alunos. Um dos exemplos citados foi a coordenação motora deles. No começo do ano eles não conseguiam montar jogos de encaixe, mas agora já conseguem, ela os deixa livres para montar, mas diz que às vezes sugere que eles montem alguns objetos, como casa.

A professora da escola particular também diz perceber maior desenvolvimento quando usa os jogos. Ela diz que quando trabalha com eles percebe rapidamente o progresso,

principalmente ao se tratar da mesma brincadeira. Ela diz que quando a criança brinca constantemente com as mesmas brincadeiras, ela consegue avaliar como cada criança era no início e o seu desenvolvimento depois de tanto praticar.

Os jogos citados acima seriam os jogos de construção, pois a cada construção segundo Faria (1998) e Kishimoto (2003), a criança desenvolve novas habilidades e consegue construir objetos mais complexos. Mas para que haja essa evolução, é preciso o acompanhamento do educador para estimular a criança. Diferente da professora da escola particular, não observamos esse acompanhamento na escola pública.

4.6. Uso dos jogos e brincadeiras em sala de aula

Questionamos as docentes sobre o uso de jogos e brincadeiras na sala de aula e as duas afirmaram que sim, bastante. A professora da escola pública trabalha com lego, tubo de linha, caixas de vários tamanhos, dominó de frutas e letras, jogos de encaixe, bloco lógicos, tangran, dados, quebra-cabeça, alfabeto colorido, dentre outros.

A professora da escola particular usa jogos da memória para estimular a atenção e a concentração, jogos com as letras, cores e números estudados com o propósito de medir seus conhecimentos, brincadeiras como correr, pular, saltar para o desenvolvimento físico e motor das crianças, músicas para estimular a fala e jogos como quebra-cabeça, jogo de encaixe, jogo feito com sucata, jogo da memória, jogo de boliche, jogo de cordas, dentre outros.

A professora da escola pública afirmou que ainda não usava jogos de regras, pois os alunos ainda não compreendem. Mas quando questionei dos jogos usados por ela na sala de aula, ela me mostrou o jogo da memória, que é um jogo que possui regras. Aí entra o conhecimento que o educador precisa ter sobre as concepções de jogos e brincadeiras e sobre as capacidades de seus alunos. Como ela pode afirmar que eles não compreendem se eles conseguem brincar com este jogo? Fica o questionamento. Em relação aos jogos e brincadeiras utilizados em sala de aula, apesar de a escola pública ter uma diversidade de jogos e brinquedos, a escola particular usa diferentes mecanismos para suprir e diversificar a aula, muito mais que na escola pública.

4.7 O papel do professor

Sobre o papel do professor, a professora da escola pública afirma que o professor tem o papel de mediador, ele precisa tentar estimular. A professora da escola particular acredita que ele deve estimular e observar as dificuldades e os avanços alcançados e são muitos, pois ela diz que ao trabalhar com esses recursos [jogos e brincadeiras] nota o progresso das crianças principalmente quando usa brincadeiras repetidas, vai percebendo a diferença no desenvolvimento da criança sempre, principalmente ao usar a mesma brincadeira.

Para nós, o professor tem como principal papel o de mediar o conhecimento e o desenvolvimento do aluno, mas para que isso aconteça de maneira concreta, é preciso que este educador conheça bem seu aluno e suas limitações, para só então superá-las. A professora da escola particular parece conhecer muito bem seus alunos, pois logo que chegamos foi dando as características de alguns, como um aluno que ainda não fala. Ela demonstrou bastante preocupação com ele. Percebemos que tanto a professora, quanto a auxiliar participam juntas com os alunos das atividades, como os jogos de encaixe e na hora da pintura em que eles tinham que pintar o balão de São João e colar pedaços de E.V.A., neste momento ela nos mostrou um aluno que pinta com as duas mãos, dependendo de qual mão o desenho esteja mais próximo, e duas alunas que ela disse que antes pintavam usando todas as cores e que agora só usam uma cor.

Já a professora da escola pública parece não ter uma relação tão próxima de seus alunos, talvez por ser mais nova ou ter menos experiência que a outra educadora. Não se pode afirmar ao certo. Mas tanto a auxiliar quanto a professora não interagem com as crianças. Deixavam-nas brincar soltas.

Considerações Finais

A partir dos conceitos estudados e da pesquisa de campo pudemos perceber que ainda há muito que se saber sobre jogos e brincadeiras e que os professores da educação infantil ainda precisam buscar conhecimento sobre as diversas formas de desenvolvimento da criança e o uso dos jogos e brincadeiras.

Nas duas escolas foi observado o uso de jogos e brincadeiras na educação infantil, porém a educadora da escola particular demonstrou ter bastante conhecimento e experiência nesta área. O jogo mais usado foi o jogo de construção, além de ser usado nas duas instituições, as crianças também demonstraram bastante interesse.

Podemos perceber que a maior contribuição dos jogos e brincadeiras está relacionada ao desenvolvimento dos aspectos psicomotor, afetivo e cognitivo. Fazendo com que a criança tenha uma formação integral. Por isso a importância do papel do professor e da busca de formação continuada.

Ficou claro, também, é que como esses educadores estão em sala de aula durante anos acreditam não haver necessidades de buscar fontes de conhecimento já que eles pensam que o que sabem supre as suas necessidades das crianças, entretanto, independentemente da experiência, o educador precisa estar sempre buscando formação para que possa desenvolver as atividades em sala de aula com qualidade.

Por isso a importância da pesquisa nessa área, principalmente para poder refletir sobre a contribuição dos jogos e brincadeiras para o desenvolvimento infantil e a formação dos educadores, fazendo com que a interação professor e aluno contribua para uma melhor formação da criança.

Referências

COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos da. **Brincadeiras de crianças: encantos e descobertas**. Fortaleza: SEDUC/CE, 2000. v. 01.

FARIA, Anália Rodrigues de. **Desenvolvimento da criança e do adolescente segundo Piaget**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Brincadeira, brincar, brinquedo. In: **Dicionário Aurélio escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1988. 105p.

FERREIRA, Idalina Ladeira. CALDAS, Sarah P. Souza Caldas. **Atividades na pré-escola**. 18. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

GIOCA, Maria Inez. **O jogo e a aprendizagem na criança de 0 a 6 anos**. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/o_jogo_e_a_aprendizagem.pdf>. Acesso em: 05 de ago. 2010.

KISHIMOTO, T. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

KRAMER, Sônia. A infância e sua singularidade. In: BRASIL, Ministério da educação. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos**. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006, p. 15-25. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensfund9mais1.pdf>>. Acesso em: 29 de ago. 2010.

OLIVEIRA, Martha Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1997. (Pensamento e ação no magistério).

RESOLUÇÃO Nº 05, de 17 de dezembro de 2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13684%3Aresolucoes-ceb>. Acesso em: 05 de ago. 2010.

SILVA, Andréa da Costa. **Arte e criatividade como mediação da aprendizagem: estudo de caso nos anos iniciais do ensino fundamental**. Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Pedagogia, Fortaleza, 2011. 129 p.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente. Psicologia e Pedagogia**. 5. ed. Martins Fontes: São Paulo, 1996.